



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

Lua Cheia, Setembro de 2014, nº 182

Deusa Arian, regente da abundância

por Vera Pinheiro

No dia 8 de setembro, a Espanha celebra Arian, deusa da abundância de bens materiais, da paz e do bem estar, dons que concede a seus fieis, e companheira de Vosegus (às vezes Vosagus ou Vosacius), deus celta da caçada e da previsão. A deusa Arian é a equivalente celta da Isis egípcia, do mesmo modo que Vosegus é o equivalente celta do deus Osíris. Em ambos os casos, os deuses célticos somente nos mostram os aspectos materiais dos deuses egípcios, não os seus aspectos filosóficos e matemáticos, no caso de Arian combinados com as influências dos arianos da Pérsia no mundo celta.

A relação fonética entre “arianos” e “ariana” é bastante evidente. “La Anjana” celta-espanhola trocou a letra “r” por “n”, mas concede a seus devotos o mesmos atributos ou dons da Deusa Arian. A relação dos Arios, modernamente chamados de “Indoeuropeus”, com os celtas não está academicamente documentada, mas é uma evidência percebida quando nos remontamos ao tempo dos Magos da Pérsia, que são anteriores ao Zoroastrismo, e o comparamos com os druidas do povo celta, que eram e são magos.

Na mesma data, a Teia de Thea realiza ritual de prosperidade dedicado à deusa celta Arian. E o que tem a ver prosperidade com os atributos dessa deusa? A prosperidade está intimamente ligada à abundância e seus conceitos, interligados, se cruzam.

Prosperidade (do latim *prosperitate*) refere-se à qualidade ou estado de próspero, que, por sua vez, significa ditoso, feliz, venturoso, bem-sucedido, afortunado (*Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*, versão 5.0, e *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, 2001.). Também pode designar um período de ascensão e desse modo conectado

a uma sociedade otimista que goza de riqueza. Abundância significa grande quantidade, opulência, riqueza, fartura.

Do que precisamos para nos considerarmos prósperos? Esse é o aspecto intangível da reflexão que a Deusa Arian nos traz. Prosperidade é um conceito baseado no quantum material ou algo medido pela felicidade da alma diante de um desejo realizado? É uma meta de vida? Um propósito individual? A que sacrifícios e riscos estamos dispostos a nos submeter para alcançar a almejada prosperidade?



Se considerarmos a quantidade de bens que a mãe Natureza nos oferece, somos ricos, prósperos e felizes em incomensurável dimensão! Mas precisamos de olhos, de coração e de um sentimento de gratidão para ver e reconhecer tantas benesses que a vida nos traz. E vida é a Deusa magnificamente em nós, quando nos percebemos partes da mesma unidade divinal e nos tomamos de extrema gratidão pela generosidade da Divina Mãe. O imaterial, subjetivo, etéreo, é espiritualmente elevado, porém não se pode tocar por não pertencer ao mundo material.

O aspecto tangível da reflexão que a Deusa Arian nos proporciona é avaliar a nossa relação individual com a prosperidade ou com o avesso dela. Tudo começa em nós, e isso não é uma exceção! Uma pessoa corroída pela culpa não atrai prosperidade, porque se especializa em promover autossabotagem e encontra modos de se punir por meio de dificuldades financeiras e problemas com a própria subsistência. A pessoa não se julga merecedora de uma vida próspera, por isso sempre arruma um jeito de causar danos financeiros, inclusive usando os recursos de que dispõe, por exemplo, dinheiro e crédito que tem, mas usa

sem cautela e abusivamente, de modo que se embrenha em problemas financeiros que poderia ter evitado, não fosse a punição que deseja aplicar a si mesma.

Por culpa, a pessoa julga não merecer aquilo que deseja. Ou seja, deseja, mas não se permite alcançar, travando as suas capacidades de criar e gerenciar uma vida próspera. Isso se reverte quando reexamina aquela determinada circunstância geradora da culpa não para encontrar outro culpado, mas para exercitar o triplo perdão: o que pratica em relação ao caso, a si e a todos os envolvidos, reconhecendo com gratidão o aprendizado que disso pode extrair, resignificando o acontecimento para inaugurar uma vida realmente nova... e próspera!

Às mulheres, por séculos, foram impingidas culpas desnecessárias, que se arrastaram por gerações oprimidas e sofredoras, sem direito à plenitude da felicidade, do prazer e da prosperidade. Atravessamos eras em que a gestão da vida material – e da prosperidade – se restringia aos homens e, se tínhamos renda própria, era apenas para “os alfinetes”. Tornamo-nos reféns da cultura patriarcal, que submeteu as mulheres à escravidão moral e intelectual, subservientes ao domínio masculino. E a culpa – do que fosse! – foi reforçada para tirar o natural poder feminino. Até mesmo as características femininas se tornaram motivo de culpa: sensibilidade virou defeito, beleza ganhou ares de futilidade, sexualidade assumiu conotação de pecado. Inteligência, então, demorou a ser vista como atributo feminino, eis que o conceito gravitava em torno dos homens. No máximo diziam que “atrás de um grande homem existe uma grande mulher”. Atrás, claro.

Graças à incansável luta feminina, ganhamos espaço, voz e decisão, e pudemos voltar a exercitar o nosso poder,

abafado por tanto tempo. Não voltamos ao matriarcado, porque também evoluímos com a experiência da opressão. Não queremos os homens contra nós, porque todas as guerras são estúpidas. Mas queremos, isso sim, respeito e o nosso lugar na comunidade mundial, por merecimento e sem culpas. Caminhando juntos em uma nova era, em que a unidade é percebida como valor, porém sem privação à individualidade. Assim, de mãos dadas, encontramos a prosperidade que almejamos. E, enquanto gastamos forças nos digladiando com a nossa consciência, perdemos o foco daquilo que nos realiza, nos alegra, nos faz prósperas materialmente também, por que não? Sem culpa!

A Deusa Arian traz a abundância da prosperidade para as nossas vidas, mas para que isso se realize é preciso que nos conectemos com a essência do nosso querer. O que queremos? Quanto queremos? Um querer sem culpas! Porque é bom, porque nos fará bem, porque nós merecemos! Precisamos acreditar realmente que o que nós queremos é do nosso merecimento! Abrir as portas da prosperidade a partir do desejo do coração, de um querer com força uterina, intenso, vibrante, forte, espargindo luz, determinação, entusiasmo, vontade e ação. Afinal, não basta querer. É preciso ir em busca do que queremos! A Deusa abre os caminhos, mas não faz a caminhada por nós. Ela nos inspira o fazer, mas fazer depende de nós. Ela nos dá os meios, mas nós temos que agarrá-los em nossas mãos e transformá-los em realidade. Ela mostra as oportunidades, mas quem as desenvolve somos nós. Ela tudo provê em termos de recursos, mas nos dá o livre arbítrio de aceitar, recusar ou deixar que simplesmente os recursos se extingam para abrir chance aos queixumes.

A prosperidade, assim como a abundância e a riqueza,



faz parte da felicidade, mas não é a felicidade em si. Entretanto, ser feliz atrai prosperidade! Observemos: a nossa vida é farta daquilo com que a gente se sintoniza. Se temos afinidade com a alegria, a vida é alegre. Se o amor está em nós, o amor está presente nela. Se somos pessimistas, o mundo é todo negatividade. E assim por diante, basta examinar. Então, antes de nos queixarmos do que temos, do que somos e de como vivemos, vamos avaliar com sinceridade



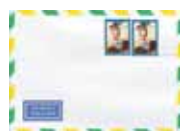
o que atraímos em torno de nós. Somos verdadeiros ímas do nosso querer! Se queremos ouvir a emissora X não podemos sintonizar Y. Simples assim.

A lei da atração se manifesta em todos os aspectos de nossas vidas, incluindo a prosperidade, a vida financeira, os relacionamentos amorosos e, igualmente, a energia que emanamos e que nos é devolvida, pelo menos, em igual

medida. Ou mais, nunca menos.

Um querer orientado para a prosperidade não atrairá outra coisa senão prosperidade. E se o nosso querer for sintetizado como “felicidade”, não basta. É preciso dizer à Deusa Arian, que nos visita neste plenilúnio, o que realmente nos faz felizes. Aprendamos a querer de forma clara, objetiva, sem rodeios. E sem culpa, que isso se opõe à prosperidade! Uma vida próspera, com abundância de bens materiais, paz e bem estar é o que Arian nos traz para o nosso crescimento pessoal, para o

desenvolvimento humano, para fluir e expandir a consciência física e espiritual. Vamos entrar em sintonia com a Deusa Arian no plenilúnio de setembro e sustentar a conexão com seus dons e atributos, enquanto realizamos a vida com fé, ânimo e coragem, um triskelion de poderosas palavras femininas. Como nós!



Posta- restante

por Maria Amaziles



Maria,

Sua cesta de objetos ritualísticos deixa entrever que você pretende dançar para a prosperidade, quando a próxima Lua cheia iluminar seu encontro com suas irmãs. Essa não será a primeira vez em que seu coração seguirá no compasso desse intento, como tantos outros já fizeram, no fluir da história.

Entretanto, antes que as flautas ecoem os primeiros acordes, faz-se oportuna uma reflexão. Prosperidade significa florescer, é um caminho de sabedoria e discernimento, que não pode ser limitado somente ao seu sucesso financeiro. Sê-se nela como um jardim, cujas flores expressam bem-estar (saúde, vitalidade, energia, disposição), bem viver (independência financeira, qualidade de vida, desenvolvimento e realização pessoal e profissional) e bem querer (família, amigos, sociedade). Afinal, você já descobriu que riqueza e dinheiro são apenas meios para fins mais nobres.

Sendo assim, é bom lembrar que seu encontro com a prosperidade pressupõe um propósito. Saiba o que é prosperidade para você antes de pedir por ela! Caso contrário, será como procurar seu caminho no interior da floresta, sem ter claro para si mesma qual destino deseja alcançar.

Uma vez estando nitido esse propósito em seu coração, vista-se em flor e cor, enfeite os cabelos e encontre seu lugar sob a Lua. Salte-se, permita-se a alegria de ser próspera, sem culpa ou apego. Tudo o quanto for necessário em sua vida, assim será!



Em bênçãos de nutrição e alegria,

Aquela que é.



Os Mistérios de Eleusis

No dia 22 de setembro, a Teia de Thea celebrará este antigo rito, trazendo uma bela homenagem a Deméter e Perséfone



por Mirella Faur

Os Mistérios Eleusínios constituem o segredo mais bem guardado do mundo antigo. Originários de Creta como um festival de outono dedicado à deusa Deméter e reservado somente às mulheres, eles foram expandidos e abertos a todas as pessoas se fossem adultas, falassem grego e não tivessem cometido nenhum crime. Iniciados na metade do segundo milênio a.C., os Mistérios Eleusínios perduraram por quase dois milênios sem que ninguém revelasse nada a respeito dos rituais e das iniciações. O pouco que se sabe foi divulgado pelos comentários literários, pelas referências históricas ou nas difamações cristãs sobre as práticas pagãs.

A palavra Eleusis simbolizava “O lugar da chegada feliz” e deu origem ao termo “Campos Elísios”, sinônimo do paraíso pré-helênico. A palavra Mistério tem como raiz a palavra *mueín*, que significa “fechar”, tanto os olhos quanto a boca, ressaltando a obrigatoriedade do segredo e do isolamento durante a iniciação.

Os candidatos deveriam primeiramente submeter-se a uma iniciação durante os Mistérios Menores, realizados na proximidade do equinócio da primavera, para poder participar dos Mistérios Maiores, realizados na proximidade do equinócio de outono. Desconhece-se a verdade sobre esta iniciação, sabendo-se apenas que incluía testes de coragem e práticas ascetas.



Os Mistérios Maiores eram celebrados a cada cinco anos e tinham duração de nove dias. Os candidatos chegavam a Atenas vindos de todas as partes do mundo helênico e romano. No primeiro dia, reuniam-se para atender às chamadas dos sacerdotes e receber suas instruções. No segundo dia, purificavam-se mergulhando no mar e fazendo as primeiras oferendas (leitões). O terceiro dia era dedicado às cerimônias e oferendas oficiais em benefício da cidade de Atenas e do povo grego. No quarto dia, conhecido como Asklepia, novas purificações eram feitas em homenagem a Asclépio, o deus da cura. No quinto dia, dava-se início à procissão que percorria os 32 km que separavam as cidades de Eleusis e Atenas. As sacerdotisas carregavam os objetos sacros, purificados no mar, em grandes cestos chamados Kista. Os iniciados vestiam túnicas brancas e cantavam, dançavam e invocavam as divindades, cujas estátuas eram levadas em carruagens.

Nos limites da cidade de Eleusis, figuras mascaradas encenavam parte do mito de Deméter expondo, por meio de sátiras e deboches, os vícios, erros e defeitos humanos. Dessa forma, esperava-se que os velhos Eus morressem e dessem lugar à renovação. Ao cair da noite, o jejum de três dias terminava e

havia uma grande festa do lado de fora do Santuário. O sexto dia era reservado ao descanso, à purificação, ao jejum, à introspecção e ao silêncio.

Quando as primeiras estrelas apareciam no céu, os iniciados tomavam o *Kyklon*, bebida sagrada preparada com centeio fermentado e hortelã, e entravam no santuário de Telesterion. Desconhecem-se os rituais ali praticados. Sabe-se somente que havia três estágios: a iniciação, em uma gruta subterrânea, em que os iniciados passavam por provas e testes; a morte simbólica, em que os iniciados “renasciam”, sem mais temer o fim da vida física por terem “visto” a continuidade de jornada da alma; e a encenação do mito de Deméter e Perséfone. Nesse momento, reproduzia-se a busca de Deméter por sua filha Perséfone, raptada por Hades, deus do mundo subterrâneo, festejando-se, ao final, sua volta à vida na Terra, após os rigores do inverno simbolizando sua ausência.

O final das celebrações era marcado pelo sacrifício de animais, celebrando com danças e cantos o último gesto ritualístico dos sacerdotes: o derramamento de água sobre o chão, invocando a chuva para conceber a vida na terra. Esse ato simbólico revelava o profundo simbolismo dos Mistérios de Eleusis – o casamento sagrado da chuva celeste com a terra fértil e receptiva para conceber o filho, representado nos grãos dos cereais. Para os iniciados, que viviam da terra e de seus ciclos e estações, os Mistérios representavam a confirmação sagrada de que a morte era seguida do renascimento, assim como a vegetação morria no outono e renascia na primavera, acordando de um sono profundo, por vezes comparado à própria morte.

Adaptando o mito de Deméter e Perséfone à nossa realidade, podemos melhor compreender a necessidade dos rituais de iniciação. Ao proporcionarem a visão dos medos, limitações e defeitos que restringem a evolução de nossa alma, os rituais apontam para a possibilidade de uma morte egóica que levará a uma renovação transcendental. As mulheres podem encontrar no mito de Perséfone um exemplo de coragem para descer ao mundo subterrâneo de seu inconsciente, atravessar as sombras e emergir para a luz.

Expediente *Jornal Deusa Viva*
Edição e Diagramação:
Cristiane Madeira Ximenes e Stella Matta Machado
Textos: Mirella Faur, Vera Pinheiro e Maria Amaziles
Imagens da Rede Mundial de Computadores
Informações: www.teiadethea.org
teiadethea@teiadethea.org
Inês Souza: (61) 8233-7949
deusaviva@teiadethea.org